

## HQ: DO HUMANO NO QUADRO À HISTÓRIA EM QUADRINHO

Felipe Moraes Pereira (UERJ)  
[felipemoraes\\_pereira@hotmail.com](mailto:felipemoraes_pereira@hotmail.com)

### RESUMO:

É um desafio a todos os professores criar novos métodos que auxiliem o ensino. A proposta aqui exposta visa a trabalhar o gênero história em quadrinho, tomando a prática corporal teatral como ponto de partida. Tal recurso vem se mostrando caminho proficiente de auxílio à aprendizagem, porque não se limita ao preconizado nos livros didáticos. A busca do lúdico para a sala de aula torna concretos conceitos normalmente expostos de maneira abstrata. Isso proporciona o desenvolvimento progressivo e expressivo da linguagem. Os objetivos esperados nessa prática consistem em refletir acerca do ensino-aprendizagem do gênero textual em questão, da língua portuguesa e mostrar que o corpo é um elemento facilitador desse ensino. A tentativa de utilização do teatro constitui, pois, um auxílio às teorias apresentadas nas aulas da referida disciplina.

### Palavras-chave:

Corpo. Ensino. Teatro. Língua portuguesa. História em quadrinho.

### 1. Introdução

A sociedade, a cada dia que passa, vem se modernizando mais. A necessidade de informação e de comunicação tem se tornado dia após dia mais ágil e eficiente. Nesse sentido, toda a vida da sociedade acaba acompanhando o novo modelo de relacionamento e de aquisição do conhecimento.

A escola, no entanto, parece não estar se adequando a essa realidade. O ensino se apresenta ainda de forma cristalizada no ambiente de sala de aula: o professor é o detentor do saber e o aluno é aquele que precisa aprender de maneira “passiva”. Não se consegue enxergar que as relações na sociedade mudaram e isso inclui a relação aluno-professor.

(...) na medida em que endossa sua dependência existencial [da criança ao adulto], dando-lhe um papel passivo, já que os polos do modelo comunicacional não podem ser invertidos, permanecendo o jovem como o eterno beneficiário de uma mensagem de que não é, nem pode ser, o autor. Daí, sua duplicidade de caráter, que se revela de maneira mais flagrante quando pretende, por meio da adaptação, obscurecer a distância que lhe é peculiar, entre o produtor e o intérprete. (ZILBERMAN, 1998, p. 53)

Pela prática de sala de aula, pode-se perceber o que alguns estudiosos da educação, como Zilberman, já constataram: é uma realidade que

o aluno aprende mais com liberdade de expressão e com participação nas aulas. Não existe mais o “detentor” da verdade, mas sim os detentores das muitas verdades que são o saber. Com o acesso fácil e em tempo ágil, o aluno consegue estar atualizado sobre tudo com imensa facilidade. Dessa forma, deve-se entender que agora existe a co-construção do conhecimento em sala de aula.

Nessa concepção, discentes e docentes ensinam e aprendem juntos. É uma troca, que coopera para o conhecimento cada vez maior, de saberes. O ambiente de sala de aula deve ser, antes de qualquer coisa, um lugar de reflexão e de discussão crítica das ditas “verdades” que nos são impostas na vida. É claro que muitos não enxergam dessa maneira, pois pensam que aprender com um aluno é diminuir sua sabedoria, quando, na verdade, se está acrescentando informações e conhecimentos a um determinado saber; é um enriquecimento de um saber anterior.

Isso, na verdade, não ocorre na maioria das vezes pelo fato de que é trabalhoso ter de pensar e repensar novos métodos de ensino a todo instante. O professor se entrega ao comodismo do sistema e reproduz, pela praticidade, suas práticas. Por outro lado, não se consegue tempo hábil para se produzir mais e melhor, visto que as remunerações recebidas pelos profissionais da área são baixas e há a necessidade de se trabalhar cada vez mais na ânsia de se conseguir receber um salário que possibilite uma vida digna.

Não obstante, ainda há a ideia de que o aluno não deve compreender, entender a matéria em si; muitos acham que o aluno deve decorar. Isso nunca mostrou eficiência na qualidade de ensino. Esse tipo de estratégia apenas ajuda o aluno a passar de série, a saber, por um curto espaço de tempo: o momento até a prova.

O sistema impõe que as aulas sejam cada mais nesse modelo arcaico: o famoso “cuspe e giz”. O professor enche o aluno de matéria para mostrar que sabe muito e que está ensinando e o aluno decora para mostrar que está aprendendo. Perdeu-se a noção de educação. Educar é transformar vidas, é tocar almas e fazer os alunos pensarem sobre a aplicabilidade de tudo o que aprendem no cotidiano em que vivem.

Os professores têm virado máquinas de reprodução de regras e conceitos e os alunos se mecanizam no intuito de adquirir uma boa nota. Afinal, o que comprova se o aluno sabe ou não sabe é justamente a avaliação escolar, a tão assustadora prova. Mas será que de verdade as provas

são capazes de estabelecer a quantidade de conhecimento de um indivíduo?

A prova é uma medida quantitativa, enquanto o ensino é uma atividade qualitativa. Não se pode medir a qualidade através de métodos quantitativos; os métodos devem ser qualitativos. E sempre foi esse o meu intuito: romper com o padrão, estabelecer novos métodos de ensino e de avaliação. O importante não é o quanto se sabe, e sim como e por que se sabe. Esse sempre deveria ter sido o direcionamento do ensino.

Não é à toa que existe um desestímulo muito grande por parte dos envolvidos nesse contexto. Práticas arcaicas que não acompanham as novidades e que já deixaram claro que não são capazes de transmitir conhecimento são utilizadas diariamente. Afinal, o alunado sai da escola lembrando quase nada, os anos se passam e ele esquece tudo.

O papel da escola sempre foi formar cidadãos conscientes para uma vida em sociedade. Essa realidade encontra-se muito distante. Com o modelo educacional vigente não somos capazes de atingir o outro com nossos “ensinamentos”. A escola precisa se renovar. Para isso, precisamos de mais professores dispostos a mudar essa triste realidade.

Pela necessidade de se mudar todo esse padrão que ainda se encontra em voga, proponho uma prática que tire os alunos da mesmice que se tornou o ensino em sala de aula. E pela necessidade de desenvolver nos jovens a sensibilidade de um cidadão consciente, apresentarei propostas que trabalhem a relação com o novo, com o diferente.

Como objetivo pedagógico, está presente a necessidade de fazer os alunos experienciarem o ensino de modo diversificado, pois, ao torná-los autores de uma nova versão de história no processo de aquisição do conhecimento, o professor torna o contato com a aprendizagem mais próxima do universo do aluno de forma mais íntima e até mais prazerosa.

## **2. Os PCN e o ensino da produção textual em sala de aula**

O modelo de ensino, de maneira geral, preconizado pelos parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio deve apresentar um perfil integrador e de caráter contemporâneo. Essa organização educacional deve levar o aluno a relacionar o conhecimento adquirido na escola para o seu contexto social. A escola não deve estar separada da vida do aluno;

a educação precisa apresentar mecanismos capazes de construir um raciocínio reflexivo e crítico.

Essa necessidade surgiu pelo fato de que o currículo do ensino médio anterior apresentava um ensino que não levava o aluno a relacionar os conhecimentos adquiridos à vida em sociedade. Além disso, priorizava-se o acúmulo de informações em detrimento da qualidade dessas informações. O que os PCN apresentam é uma valorização da qualidade do conhecimento e da validade desse ensino para a vida.

Partindo de princípios definidos na LDB, o Ministério da Educação, num trabalho conjunto com educadores de todo o País, chegou a um novo perfil para o currículo, apoiado em competências básicas para a inserção de nossos jovens na vida adulta. Tínhamos um ensino descontextualizado, compartimentalizado e baseado no acúmulo de informações. Ao contrário disso, buscamos dar significado ao conhecimento escolar, mediante a contextualização; evitar a compartimentalização, mediante a interdisciplinaridade; e incentivar o raciocínio e a capacidade de aprender. (PCN parte I, 2000, p. 4)

A implantação de um novo currículo que abarcasse as necessidades do aluno surgiu pelas mudanças que a própria sociedade sofreu. A inserção da tecnologia no dia a dia tornou indispensável a articulação entre o conhecimento e as novas tecnologias, desenvolvendo a proficiência em diversas áreas que possam interagir entre si. O acesso ao conhecimento é imediato nos dias de hoje e, em pouco tempo, será mais ágil e eficaz, deixando o ambiente escolar com a urgência de reformulação.

A denominada “revolução informática” promove mudanças radicais na área do conhecimento, que passa a ocupar um lugar central nos processos de desenvolvimento, em geral. É possível afirmar que, nas próximas décadas, a educação vá se transformar mais rapidamente do que em muitas outras, em função de uma nova compreensão teórica sobre o papel da escola, estimulada pela incorporação das novas tecnologias. (PCN parte I, 2000, p. 5)

Todo esse processo de mudança exige uma nova organização de toda a estrutura escolar, o que inclui a capacitação dos profissionais envolvidos nessa idealização. O docente precisa priorizar o trabalho interdisciplinar em sala de aula para demonstrar aos discentes a relação entre as diferentes áreas de saber para ajudar a desenvolver a capacidade de compreensão e dessas competências do conhecimento.

Propôs-se, numa primeira abordagem, a reorganização curricular em áreas de conhecimento, com o objetivo de facilitar o desenvolvimento dos conteúdos, numa perspectiva de interdisciplinaridade e contextualização. (PCN parte I, 2000, p. 7)

No que se refere à área de conhecimento, o currículo apresentado organiza a estrutura da educação em quatro bases essenciais para a contemplação da aprendizagem. Essas bases servem como um norte a ser seguido ao se trabalhar com educação nos dias de hoje. O desafio do professor é conseguir concretizá-las na vida do aluno. Eles devem ser capazes de *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a viver e aprender a ser* (PCN, 2000, p. 14).

Para *aprender a conhecer*, a escola precisa incentivar o aumento do saber, assim, o aluno despertará sempre a curiosidade pelo conhecimento e irá buscar sempre mais. Para *aprender a fazer*, o aluno deve ser levado a relacionar teoria e prática para desenvolver novas habilidades. Para *aprender a viver*, deve-se desenvolver a capacidade de interação no processo de aprendizagem e de co-construção do conhecimento, ou seja, de todos serem elementos fundamentais para construção do saber. Para *aprender a ser*, deve-se desenvolver a autonomia do aluno para que ela possa refletir e se desenvolver enquanto ser humano.

Esses alicerces nos quais se baseia a educação devem ser trabalhados de acordo com as particularidades de cada área de conhecimento. O ensino do português no Brasil está alicerçado pela área de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias. Nessa área de conhecimento, prioriza-se desenvolver a capacidade de articulação entre as diferentes manifestações culturais e sociais da linguagem, sendo esta o uso e a interpretação do código da língua, visando a estabelecer a comunicação.

A linguagem é considerada aqui como capacidade humana de articular significados coletivos em sistemas arbitrários de representação, que são compartilhados e que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido. (PCN parte I, 2000, p. 19)

O ensino da disciplina Língua Portuguesa previsto pelos PCN prioriza o trabalho interdisciplinar, manifestando o relacionamento com o contexto social. A língua é uma manifestação social, então aprender o funcionamento da sua estrutura ajuda a construir o sentido dos textos. Acima de tudo, usamos a língua como um elemento capaz de estabelecer comunicação. No entanto, quanto mais se conhece a língua, mais eficiente se transforma essa comunicação.

Comunicação aqui entendida como um processo de construção de significados em que o sujeito interage socialmente, usando a língua como instrumento que o define como pessoa entre pessoas. (PCN parte II, 2000, p. 17)

Essa comunicação para ser eficiente precisa apresentar um diálogo com a produção e manifestação dos diversos gêneros textuais (orais

ou escritos) para que a realidade de língua vivida pelo aluno possa ser trabalhada. A língua é capaz de construir muitos saberes quando bem utilizada, mas pode desconstruir também quando trabalhada estanque do texto, da produção de significados.

Os conteúdos gramaticais previstos pela NGB devem ser utilizados como estratégias auxiliaadoras da compreensão desses textos produzidos na comunicação. Ou seja, o conhecimento gramatical apresenta uma necessidade secundária no ensino da Língua Portuguesa. A literatura serve como fonte enriquecedora de textos, ampliando a capacidade de leitura, de conhecimento gramatical, de estrutura textual, de gêneros e, acima de tudo, de significado.

O trabalho do professor centra-se no objetivo de desenvolvimento e sistematização da linguagem interiorizada pelo aluno, incentivando a verbalização da mesma e o domínio de outras utilizadas em diferentes esferas sociais. Os conteúdos tradicionais de ensino da língua, ou seja, nomenclatura gramatical e história da literatura, são deslocados para um segundo plano. O estudo da gramática passa a ser uma estratégia para compreensão/interpretação/produção de textos e a literatura integra-se à área de leitura. (PCN parte II, 2000, p. 18)

Todo o currículo do ensino médio foi criado pensando em desenvolver habilidades e competências nos estudantes. Isso é pensando em uma educação capaz de transformar o ambiente de ensino como fonte de preparação do aluno para a vida. Os PCN determinam como habilidades e competências a serem desenvolvidas através do ensino da língua materna:

#### **Representação e comunicação**

- Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes manifestações da linguagem verbal.
- Compreender e usar a Língua Portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.
- Aplicar as tecnologias de comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes da vida.

#### **Investigação e compreensão**

- Analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando textos/contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura, de acordo com as condições de produção, recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação das idéias e escolhas, tecnologias disponíveis).
- Recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas, no eixo temporal e espacial.
- Articular as redes de diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita e seus códigos sociais, contextuais e linguísticos.

**Contextualização sócio-cultural**

- Considerar a Língua Portuguesa como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais e como representação simbólica de experiências humanas manifestas nas formas de sentir, pensar e agir na vida social.
- Entender os impactos das tecnologias da comunicação, em especial da língua escrita, na vida, nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.

*Quadro resumo retirado da página 24 dos PCN*

### **3. Vivendo e aprendendo: o ensino do HQ na prática**

Conforme apresentado, os PCN indicam o trabalho com os variados gêneros textuais em sala de aula, a fim de enriquecer o vocabulário do aluno, de trabalhar as competências interpretativas e de explorar a criatividade. Em uma aula de produção textual para os alunos do sexto ano do ensino fundamental, tinha de trabalhar o gênero história em quadrinhos. Esse tipo de texto é uma realidade muito próxima do aluno de hoje. O desafio, então, não era ensinar a matéria; era mostrá-la de um jeito diferente; era fazer os alunos experienciarem a matéria antes de teorizá-la.

Esse gênero textual faz parte da realidade da sociedade como leitura pela rica transmissão de mensagem por meio de poucas palavras. Na verdade, o texto dialoga a linguagem verbal e a não verbal. A linguagem mista utilizada talvez seja o ponto mais importante da compreensão desse gênero. Por muito tempo, negligenciou-se o gênero HQ, marginalizando-o no âmbito artístico, cultura e intelectual. Com o tempo, percebeu-se que, na verdade, as manifestações eram muito enriquecedoras ao ambiente de sala de aula. Segundo, CIRNE:

Durante muito tempo as histórias em quadrinhos foram tidas e havidas como uma subliteratura prejudicial ao desenvolvimento intelectual das crianças. Sociólogos apontavam-nas como uma das principais causas da delinquência juvenil.<sup>2</sup> Aos poucos, porém, foi-se verificando a fragilidade dos argumentos daqueles que investiam contra os quadrinhos: uma nova base metodológica de pesquisas culturais conseguiu estruturar a sua evolução crítica, problematizando-os a partir do relacionamento entre a reprodutibilidade técnica e o consumo em massa, que criariam novas posições estético-informacionais para a obra de arte. (CIRNE, 1972, p. 9)

Os personagens, em muitos casos, não precisam dizer nada através de seus balões, pois as expressões faciais e corporais dão conta de transmitir a mensagem. É uma verdadeira manifestação de vanguarda artística. Essa percepção foi extremamente importante para a percepção

de que seria possível se ensinar sem teorizar antes e fazendo os alunos viverem a matéria. Antes de partir para os HQ propriamente ditos, quis mostrar aos alunos que podiam entender a mensagem sem que houvesse linguagem verbal.

Primeiro, levei muitas charges sem uso de falas para os personagens e fui passando as imagens para os alunos. Depois pedi que eles se manifestassem na escrita usando palavras que fossem capazes de mostrar o entendimento de cada aluno para cada charge. Interessante perceber que, mesmo sem o auxílio das falas escritas no texto, eles chegaram a conclusões muito próximas. Alguns textos usados como estímulo para essa análise estão apresentados abaixo:



Para fomentar ainda mais esse pensamento de que somos passíveis de entendimento através do corpo, levei o filme *Tempos Modernos* do cinema mudo. Charles Chaplin foi, talvez, um dos maiores explorado-



res da construção de sentido através do corpo. Mais uma vez, os alunos iam escrevendo textos sobre as cenas para mostrar que entenderam.

Não foi diferente dessa vez, os resultados a que chegamos foram bastante satisfatórios: as crianças entenderam as partes do filme como sendo a mesma mensagem. Partimos, então, para o momento prático da aula. Pedi que os alunos levassem caixas enormes de papelões para a escola. Na aula seguinte, tínhamos bastantes papelões. Nós os recortamos em forma de moldura de quadros gigantes, que fossem capazes de comportar a imagem de uma pessoa.



Foto da moldura produzida

Foram produzidas algumas molduras de quadros de papelões, como o ilustrado na imagem acima, para a tarefa da aula: apresentar e viver histórias em quadrinhos. Após isso, dividimos os discentes em duplas para a realização da tarefa. A uma dupla foi destinada a leitura do texto “A raposa e as uvas”, uma fábula de Esopo. Em seguida, os dois iam se organizando dentro dos quadros, de modo a construir a história que leram, porém tinham a função de viver a narrativa assim como ocorre no HQ. Nesse caso, no entanto, eles só contavam com as expressões faciais e corporais para construírem sua história. Eles precisavam dialogar, a todo momento, os seus corpos, as suas ações de modo a construir uma história toda significativa, bem como apresenta CIRNE:

A estesia dos *comics* não se limita ao quadro bem desenhado, cujo plano seja capaz de revelar um perfeito enquadramento. É necessário que haja uma

dinâmica estrutural entre todos os quadros, criando movimento e ação formais. (CIRNE, 1972, p. 43)

Eles tiveram de se basear na forma como Chaplin apresentava e construía uma mensagem. As demais duplas, que, neste momento, assistiam ao que foi proposto, deveriam ir atribuindo as falas e/ou pensamentos aos personagens para, mais a frente, os desenhar e elaborar, a partir dos humanos no quadro, uma história em quadrinho completa.

Interessante perceber que, ainda próximos na significação, os corpos dos alunos eram elementos que se (re)criavam a partir das observações atentas dos outros alunos, que estavam como espectadores. Uma mesma imagem corporal, ou texto não-verbal, permitiu o diálogo com textos verbais muito variados e a criação de histórias em quadrinhos diferentes e inovadoras. Essa mesma prática foi realizada por todos os alunos. O espírito de vanguarda modernista, de que trata CIRNE, foi bastante utilizado nesta tarefa:

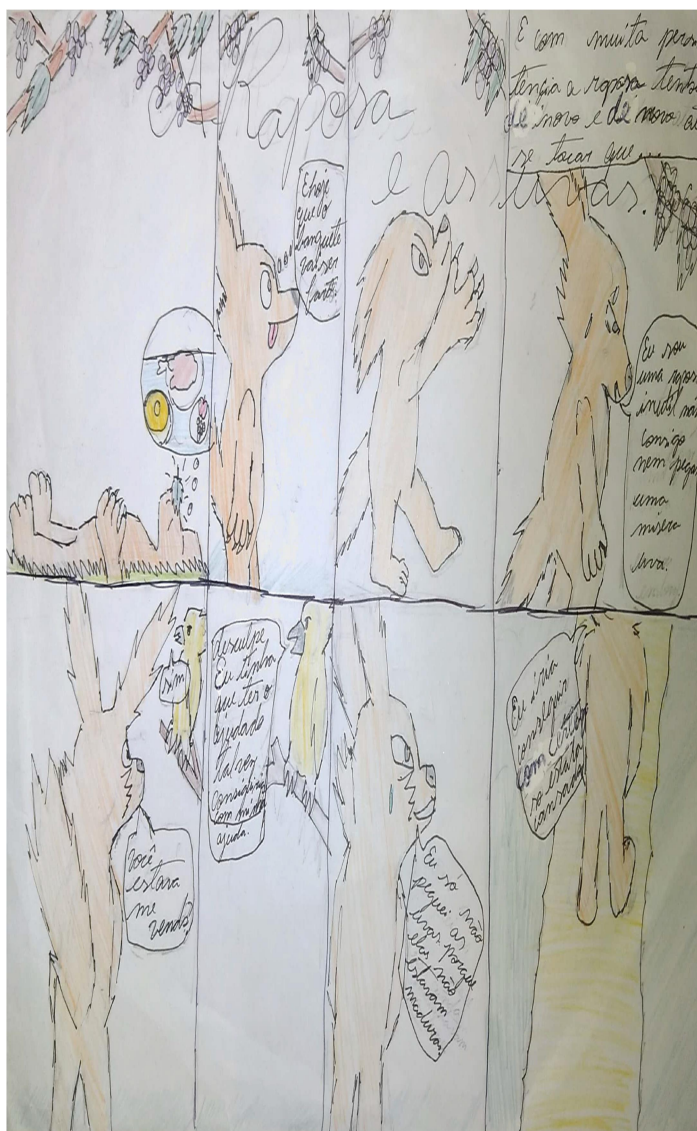
Toda a arte do nosso tempo é arte de vanguarda”, assegura Décio Pignatari. Entendemos tal afirmativa como uma jogada tática: enquanto os quadrinhos, o jornal, o cinema, a televisão, o rádio e a música são vanguardas das classes populares, as artes plásticas e o poema são vanguardas que funcionam como matrizes para serem consumidas através de versões móveis e manipuláveis, recriações ao nível do *kitsch* ou da crítica. (Já a arquitetura faz parte de um contexto especial: a exploração do ambiente como metacomunicação). O que dizer, porém, do teatro e da literatura (prosa/poesia), artes essencialmente caducas para a realidade mosaica do nosso tempo? E o que dizer de certos artistas que ainda permanecem pintores e literatos?

Os quadrinhos em si, como organismo vivo e atuante, já são vanguarda se encarados dentro da perspectiva feroz do consumo. (CIRNE, 1972, p. 57)

Não cansado de experimentar, de inovar e de buscar sempre instigar o pensamento e a atitude reflexiva dos meus alunos, pedi que, após a produção textual e o desenvolvimento do desenho de cada quadro em quadrinhos, eles comessem a compartilhar seus textos com todos, para que houvesse uma troca na construção da história. A partir disso, abrimos para discussões sobre a história, a fim de ampliar o conhecimento sobre o enredo contado.

Após perceberem o que seria melhor como história e, não mais em duplas, mas sim como turma, decidirem as falas e os pensamentos dos personagens, os alunos reproduziram isso em cartolinas. Mas eles deveriam seguir os modelos definidos em uma história em quadrinho para fazer, daqueles quadros com humanos dentro, uma verdadeira e viva história em quadrinho. Os textos produzidos por eles seguem abaixo:

Texto I







REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. MEC/SEMTEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília, MEC/ Secretaria e Educação Média e Tecnologia, 2000. Disponível na Internet via <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf>

CAMARA, Tania Maria Nunes de Lima. Letramento literário e inclusão social: o uso de quadrinhos como estratégia metodológica na educação. In: *III Simpósio Internacional de Letras e Linguística / XIII Simpósio Nacional de Letras e Linguística*. v. 2. Anais do SILEL. Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 1-11

CIRNE, Moacy. *A Explosão Criativa dos Quadrinhos*. Petrópolis: Vozes, 1972.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 10. ed. São Paulo: Global, 1998.

ANEXOS:

Texto 1 – retirado do site: [http://3.bp.blogspot.com/\\_CLji\\_oun5do/TP6AYE8htHI/AL8/mT4fnIRZicY/s1600/Charge2010-Educacao+sem+mestre.jpg](http://3.bp.blogspot.com/_CLji_oun5do/TP6AYE8htHI/AL8/mT4fnIRZicY/s1600/Charge2010-Educacao+sem+mestre.jpg)

Texto 2 – retirado do site: [http://2.bp.blogspot.com/-BgePnIPykgo/UoZh58qX5WI/ALco/18OJ-DUNW94/s400/bolsa\\_familia\\_charge.jpg](http://2.bp.blogspot.com/-BgePnIPykgo/UoZh58qX5WI/ALco/18OJ-DUNW94/s400/bolsa_familia_charge.jpg)